

# DIM-PAM-PUM!

DIRECTOR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII  
N.º 664

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**O SECULO**

## Deitar cedo e cedo erguer

◆ ◆ Por LEONOR DE CAMPOS ◆ ◆

Apresento-lhes hoje dois rapazinhos de onze anos, primos e amigos, com o mesmo nome e o mesmo apelido, moradores na Avenida da República, em prédios contíguos.

No colégio, para os distinguirem, os condiscípulos chamam: a um, Zé Grande; a outro, Zé Pequeno. E estão bem postas as alcunhas.

O Zé Grande é alto, forte e esbelto. Pelo contrário, o Zé Pequeno, sempre amarelo e empalariado, é fraquinho e baixo.

Porquê, esta diferença entre os dois primos? É fácil a explicação.

Zé Grande levanta-se cedinho. Apenas acorda, salta da cama e corre para a casa de banho. Aplica o aparelho dos duches à torneira da banheira e regala-se com um banho frio. Toma, em seguida e com apetite, o seu primeiro almoço. Recapitula as lições. E bem disposto, a cantarolar, vai buscar o primo, a fim de irem para o colégio.

Entretanto o Zé Pequeno, que se levanta muito tarde e mal teve tempo de enfiar a roupa e lavar a ponta do

nariz, engasga-se com um bocado de pão comido à pressa, e, a resmungar, aborrecido, vai seguindo o primo, de má vontade.

—«Que maçada!... Hoje vamos cediíssimo!...»

—«É a hora do costume, rapaz!...»

—«Qual o quê? Naturalmente tens o relógio adiantado!...»

—«O meu relógio nunca adianta nem atrasa. Está sempre certo, como eu...»

—«Já cá faltava a piadinha!... Isso quer dizer que eu ando atrasado!...»

—«Não sejas desconfiado, Zé Pequeno!...»

—«Também já cá fazia falta o Zé Pequeno!... Tu, lá porque és forte e alto, julgas-te muito importante e tratas-me com desprezo!»

—«Deixa-te de pateticos, Zé. Vamos falar noutro assunto que este já aborrece!...»

E o Zé Grande acabou com a conversa.

Estas discussões repetem-se com frequência.

Quem tem razão?



Vocês façam de conta que são juizes e deem lá a sentença!...

Hein?

...Está claro. É o Zé Grande...

Depois, lá na escola, o Zé Grande sabe sempre as lições. Ao passo que o Zé Pequeno — valha-nos Nossa Senhora! — gagueja, cora e empalidece sempre que é chamado a prestar contas do que estudou.

E o Zé Grande é apontado, pelos professores, como exemplo de rapazinho estudioso, ao primo e aos outros condiscípulos.

Mas, afinal, não têm razão os professores. O Zé Pequeno estuda muito — talvez mais que o Zé Grande. Mas a sua memória é fraca. E a inteligência não é viva, pronta, brilhante como a do primo.

—«Não sei porque isto é — lamenta-se o pequeno: — Eu canso-me a estudar, a repetir as lições. O Zé Grande lê-as uma ou duas vezes, compreende logo e fixa tudo... Muito feliz é o Zé Grande!...»

Também nos desportos é o Zé Grande o primeiro.

O primo resmunga, sempre que é vencido:

—«Olha que admiração!... Tu és



(Continua na página 3)

# UM SONHO

Por MILAU

Meus amiguinhos: — Tive esta noite um sonho que vou tentar descrever-vos. Embora, de vocês todos, eu seja decerto a mais velha, ainda conservo muitos dos meus brinquedos e o meu quarto é um museu de bonecos.

Ora, a noite passada, entretive-me, antes de apagar a luz, a contemplar «o mundo dos meus bonitos». Vocês não podem imaginar como eu quero a essas recordações do tempo em que eu só pensava em brincar e não sabia tomar a sério as coisas da vida!

Mas, como ia dizendo, entretive-me a olhar os meus bonecos; de pois, apaguei a luz e adormeci. De repente, principiê a ouvir um ruído esquisito. Julgo ouvir-vos dizer, com sorrisos de moia: — «Pobre Milau, provavelmente pensou que seriam labishomens ou almas do outro mundo!»

Pois estão enganados, meus amigos! Não fenho medo de «papões», pois não existem. Contudo, não sou uma valente e confesso-vos, aqui, muito em segredo, que um rato ou uma aranha me causam grande impressão.

Mas não se tratava de qualquer bicharoco. Soergui-me na cama, e... que vi?!

Nada mais, nada menos, que os meus bonecos, agitando-se, atareitados, a fim de improvisarem um animado serão.

O «Pierrot» tocava no seu bandolim; o Manuel sentara-se ao piano e tocava um «fox», destes barulhentos e ligeiramente desafinados, que fazem as delicias de muita gente.

A Marta dançava com o Vasco; o Carlos fôra buscar a loira Margarida que, apesar de pequena, não fazia má figura, e a mais «petiza», a Lilita, principiava a fazer beicinho por não ter par, quando apareceu, entres êles, a figura gordanchuda do Fernando, o meu boneco preferido. Este principiou a troçar da Lilita, e, porque ela lhe

chamara bruxa, agarrou-a e meteu-a no seu gorro de malha.

Acudiram á pobresita o Manuel e «Pierrot», que repreenderam o Fernando; êste respondeu-lhes mal e o Manuel, perdendo a paciência, applicou-lhe o severo correctivo, de que êle necessitava.

Agora, o «Pierrot», que largára o bandolim, tinha a Lilita nos joelhos e tentava consolá-la, ajudada pela Margarida e pela Marta. O Vasco e o Carlos, mostravam claramente a sua desaprovação pela estúpida brincadeira do Fernando que, a um canto, amuado, nem se dignava olhá-los.

Enfim, tudo serenou e o Manuel propôs que se continuasse a brincadeira. Sentou-se ao piano e recomeçou o interrompido «fox», acompanhado pelo bandolim de «Pierrot». O José, cozinheiro, veio oferecer-se para dan-



canário de carne e osso, que, vendo a luz do sol, não pudera resistir a saúdar tão formosa manhã.

Apressei-me a abrir de par em par a janela. A claridade entrou no meu quarto com a promessa de um formoso dia.

Os bonecos estavam todos nos seus lugares habituais; todos, até mesmo o Fernando.

Então, observando bem o meu bebê, gordanchudo e bonacheirão, não pude deixar de rir, relembrando o sonho.

Apenas, junto dêle, encontro o célebre gorro em que o vira meter a Lilita, e recordo-me de que ali o puzera no dia anterior, ao reparar que necessitava dos meus cuidados.

Assim terminou o meu sonho que tem, afinal, uma explicação:

Deitára-me preocupada, pensando nos rapazinhos que, abusando da sua força, magôam os mais fracos, troçando-os constantemente e que se julgam, por isso, uns valentes quando, afinal, não passam duns cobardes!

Amiguinhos, muito juizinho!... Protegei sempre os mais pequenos ou mais fracos. Nunca abuseis da vossa força e fazei por serdes sempre bons e amáveis para todos. Não queiram vocês o papel que — no meu sonho, já se vê — teve o meu boneco Fernando: embrimento, cobarde, e desmancha prazeres.

Um rapazinho assim, é tão aborrecido!...

Se mais alguma vez sonhar com os meus bonecos, prometo contar-vos os meus sonhos.

Vossa amiguinha

MILAU



çar com Lilita; recomeçou a dança e, desta vez, não houve chôros nem pancadaria.

A Marta e o Vasco dançavam com importância; a Margarida aos pulinhos, sacudia os caracóis e fazia o tormento do Carlos, que difficilmente a acompanhava.

Finalmente, a Lilita, nos picos dos pés, procurava chegar á altura do José cozinheiro que, todo de branco, mas sem carapuço, muito penteado e com os bigodes todos retorcidos, dançava alegremente.

No seu canto, o Fernando adormecera e ressonava duma maneira esquisita. Duma maneira tão esquisita, que... acordei!

Afinal, não fôra o Fernando quem me acordára mas o Tobias, um lindo



# ESPERTEZA de MENINA

Por FERNANDO A. CARNEIRO

Era rica, era formosa,  
Uma boa criancinha,  
Porém, pouco estudiosa.

Na aula, Mariazinha  
(Assim era o nome dela)  
Não aprendia nadinha.

As companheiras por ela  
Tinham grande simpatia,  
Pois era linda, era bela.

Ninguém, ao vê-la, diria  
Que do estudo não gostava  
A pequenina Maria.

Viam-na quando brincava  
Com as outras, no recreio,  
A quem jogos ensinava.

Vestia-se com asseio,  
Engraçada no falar,  
Só tinha um costume feio

Que era o de não estudar.  
Nunca tinha a conta certa,  
Falava sempre ao calhar.

Apesar-disso era esperta;  
Mesmo quando não sabia,  
Não ficava boquiaberta.

Na lição de geografia,  
A professora, por mal,  
Disse-lhe com ironia:

— «Onde fica Portugal?  
É na Ásia, pois não é?...  
Responda, Maria, fale...»

Ela, pondo-se de pé,  
Diz:— «É sim, minha senhora,  
É lá mesmo, é isso, é...»

Ouvindo isto, a professora  
Brada, muito arreliada:  
— «Vai-te, tansa, vai-te embora,

Não aprendes, mesmo nada.  
Não sabes que a nossa Pátria  
Na Europa está situada?»

Mariazinha não cora...  
Mas, sorridente, diz ela:  
— «Eu sabia, sim, senhora,  
Mas não quis contradizê-la.»



F I M

## Deitar cedo e cedo erguer

(Continuado da página 1)

forte e saudável... Eu sou um doente!...»

À noite, depois de jantar, os rapazes dão um pequeno passeio, acompanhando os respectivos pais.

De regresso, o Zé Grande despede-se logo da família e vai deitar-se.

E pouco depois dorme um sono calmo e reparador.

O Zé Pequeno detesta deitar-se cedo. Todos os pretextos lhe servem para ficar a pé até tarde. E quando, por fim, o obrigam a ir para a cama, espertinado pelas conversas das pessoas crescidas, os pulmões cheios do ar viciado pelo fumo dos cigarros do pai, custa-lhe a adormecer. E o seu sono é cortado de pesadelos...

Aqui têm vocês a razão porque o Zé Grande é tão alto, tão esperto e tão robusto, e Zé Pequeno, por mais que se ponha nos bicos dos pés, não consegue chegar ao pescoço do primo.

Todos os rapazes e raparigas que queiram crescer, ter saúde, boa memória e inteligência viva, devem fazer como o Zé Grande...

Deitar cedo e cedo erguer...

## A N E C D O T A S

Doutor: — «Mas o senhor não ouviu?! Já lhe disse, mostre-me a língua!...»



O doente: — «Doutor, há quase meia hora que eu lha estou a mostrar!»



— «Ora, ainda bem!... Já vejo que o regime que tenho adoptado, para emmagrecer, dá um óptimo resultado!»

## COSTUMES PORTUGUESES

Por absoluta falta de espaço, não nos é possível publicar hoje, conforme tencionávamos, esta secção que sairá no próximo número.

VER NA PAGINA 8:

A nossa construção para armar

# O Zé quer ser ★ cow-boy ★

DOR  
MARIA ARCHER  
ILUSTRAÇÕES DE  
RUU MANSO



BERTA — Eu vou contar a fita. Mas não me interrompam.

ZÉ — Ouviram? Não interrompam a Berta.

ANA e MICAS — Nós não abrimos o bico.

BERTA — Era um senhor muito velho, sentado numa cadeira de rodas...

ZÉ — Os senhores muito velhos têm sempre os cabelos brancos.

ANA — Vês? Lá estás tu a interromper a Berta.

BERTA — Assim, não posso contar... Pois não tinha cabelos brancos, porque era careca!

ZÉ — Ah, então está bem!

BERTA — O senhor muito velho tinha uma neta. Era uma menina pequenina, assim como nós.

MICAS — Nós já não somos pequenos... Temos oito anos!

ZÉ — Agora és tu quem interrompe... E dizia ela que não abria bico!

ANA — Está calada, Micas!

BERTA — Bom. Tenho que contar outra vez. Era um senhor muito velho, sentado numa cadeira de rodas. Tinha uma neta pequenina. O senhor descobriu uma mina de ouro. E como ele estava quasi a morrer, a neta ia herdar a mina. Havia um documento que provava os direitos do velho sobre a mina.

ANA — Onde estava o documento?  
MICAS — Está calada, Ana!

BERTA — Eu é que me calo! Isto é fazerem pouco de mim!

ZÉ — Ó Berta, agora não pode ser! Dize lá o resto!

BERTA — Os bandidos trataram de roubar o documento.

ZÉ — Eram muitos?



ANA — Lá está ele a interromper

BERTA — Eram oito, todos feiços, com botas altas, pistolas à cinta, chapéus de «cow-boy». E oito cavalos. Cercaram a casa, de noite, para roubar o documento.

MICAS — Quem é que ouviu o barulho? Foi o velho ou a neta?

ANA — Parece impossível, Micas!

Sabes que a Berta não quer que a interrompam!

BERTA — Foi a neta. Levantou-se em camisa...

ANA — Talvez fôsse em pijama...

ZÉ (*furioso*) — E que tens tu com isso!

ANA (*furiosa*) — E tu que é que tens com o que eu tenho com isso?

BERTA (*indignada*) — Já não digo mais nada!

MICAS — Dize, Berta, dize. Fala só para mim, deixa lá esses malcriados!

BERTA — A neta levantou-se em camisa de noite... — Não era pijama... — e acordou o velho. O velho abriu uma fígda da janela, espreitou e preparou a metralhadora.

ZÉ — Mesmo de noite, ele viu os bandidos?

ANA — Olhem! Olhem! O malcriado é só ele!

BERTA — Tu sabes mais do que eu? Não sabes. Então, ouve e cala-te. Viu os bandidos de noite, porque fazia luar... viu, sim senhor!

ZÉ — Ah! Isso sim.

BERTA — Os «cow-boys» começaram a arrombar a porta. Então, o ve



# O PARDAL e o GATO

por MILAU

Um dia, um gato matreiro que tinha jantado mal, apanhou, num carvalho, um gordanchudo pardal.

Este, muito atrapalhado por tal coisa suceder,



diz-lhe:—«Um gatinho educado lava sempre, com cuidado, a cara, antes de comer.»

—«Ai, cabecinha de vento! Tem razão. Olá se tem! Espera, que num momento, vou lavá-la, e muito bem.»—

E naquêlê mesmo instante fez menção—mas por seu mal—de se lavar o tratante. Foi o que quiz o pardal!

Num vôo, rápido e leve, foge, rindo da surpresa do gato e diz-lhe:—«Ouve, em breve jantará à minha mesa!»—

Ficou o gato furioso por tal troça lhe fazer o demónio do pardal e, miando, mui rabio so,



não sabia que taze: nêsse instante capital!...

E' por isto, meus amigos, —segundo eu ouvi dizer— que hoje os gatos não se lavam senão depois de comer.



lho disparou uma rajada de metralhadora. Os bandidos caíram todos.

MICAS— Todos mortos?

BERTA— Não. Deitaram-se ao chão para deixarem passar as balas.

ANA— É o costume dos «cow-boys»?

ANA— Que é que tu sabes dos costumes dos «cow-boys»? Já foste bandido ou vaqueiro?

ZÉ— Ainda não, e com muita pena minha. Se eu fosse bandido já tinha raptado vocês tôdas...

BERTA— Micas, vamos embora, que eu não aturo desordeiros.

ZÉ— Bom, bom, eu já estou calado.

BERTA— Depois sete «cow-boys» ficaram em frente da casa, a dispa-

rar. O velho respondia com a metralhadora.

ZÉ— Tac, tac, tac, tac, tac...

BERTA— E o outro «cow-boy», o oitavo, deu volta à casa e entrou pela porta do quintal. O velho, entretido em dar resposta aos bandidos, não viu o ladrão. Ele foi direito ao baú do velho, abriu-o e roubou o documento. Nêsse momento, a neta viu o bandido... Mas êle não a viu a ela...

MICAS— E desatou a gritar. Era, de-certo, uma medrosa.

BERTA— Qual! Esconden-se atrás do reposteiro e mandou um tiro de pistola sôbre o ladrão... Um ou dois tiros...

MICAS— O ladrão fugiu logo, é claro.

ZÉ— Ah! A Micas tem licença para interromper...

BERTA— Eu faço o que me apetece... E se repontas, calome.

ZÉ— Não, não repontas... Isto é só

dizer que a justiça é para todos...

BERTA— O ladrão imaginava que havia outros homens na casa. Fugiu, a mandar tiros para trás. Mas levava o documento. Saltou sôbre o cavalo. Os outros bandidos saltaram, também, sôbre os cavalos...

ANA— E não morreu ninguém?

BERTA— Não. Nas lutas dos «cow-boys» nunca morreu ninguém... Começaram todos a correr... O velho não podia persegui-los, porque era muito velho e estava prêso na cadeira de rodas... Então, a neta saltou sôbre o cavalo e foi atrás dos bandidos, de pistola em punho, aos tiros.

ZÉ— O cavalo já estava arreado?

BERTA— Os cavalos dos «cow-boys» estão sempre arreados... Ela encontrou o «cow-boy» de chapéu branco... o tal que é polícia... o tal que corre atrás dos bandidos... Começou a perseguição. Os tiros choviam. O cavalo do polícia aproximava-se. Agarrou um bandido e amarrou-o. Mais tiros... Agarrou outro. Mais tiros... Agarrou um terceiro.

MICAS— Irra! Só faltam cinco!

BERTA— Voltaram a correr. O po-



(Continua na página 6)

# AS APARÊNCIAS

Por MANUEL FERREIRA

— **Q**UE velha tão feia que ali vai, mãezinha! Parece uma bruxa. Certamente deve ser muito má. Crêdo, se eu estivesse sôzinha, fugia dela a sete pés... »

Nêstes termos, falava a Lili a sua mãe, D. Amélia, senhora muito fina e bondosa. Julgava a pequenita que sua mãe pensava do mesmo modo, mas D. Amélia aproveitou a ocasião para dar à Lili uma lição de moral.

— «Aquele velho

que vês, ali chama-se Rosa, e tão formosa era na sua mocidade que lhe chamavam Rosa-linda.

Foi rica, foi feliz. Mas, um dia, a filhinha adoeceu com bexigas. Ela, infatigável, velou sempre junto do leito da pequenina. A doença contagiou-a, transformando-lhe o rosto para sempre. »

— «Mas tem cara de ser muito má» — comentou a pequenita.

— «Pois é uma boa alma, minha filha. Basta dizer-te que guardou só o essencial para viver pobremente, e deu tôda a sua fortuna a casas de caridade. Já vês que não devemos considerar as pessoas pelo aspecto exterior. Vou-te contar mais dois casos:

Era uma vez um homem muito rico. Vivia num palácio sumptuoso, tinha automóvel, yacht, criadagem e todo o conforto possível. O guarda-jóias de sua mulher estava cheio de preciosidades.

Mas, em dada época, os seus negócios começaram a desan-



dar. As companhias onde possuía acções, não puderam resistir à crise. Os bancos, onde depositara os seus capitais, faliram...

Porém, a mulher, numa data festiva, tinha de ir a uma recepção da Côrte. Dissera ela, em tempos, que havia de ir, nêsse dia, à recepção, com o mais rico diamante que houvesse na cidade.

O pior é que o dinheiro não chegava para satisfazer aquele capricho...

— «Que fizeram?» — perguntou, então, Lili.

— «Compraram um diamante falso,



## O Zé quer ser «Cow-Boy»

(Continuação da página 5)

lícia corria como o vento, no seu cavalo branco que respondia à chamada. Apanhou outro bandido... Depois outro... Depois outro...

ZÉ — Depressa! Só faltam dois!

BERTA — Êsses ainda corriam mais. Voltaram-se para trás e disseram: Mãos ao ar! Mas o «cow-boy» que era polícia, não parou. Disparou a pistola. Os bandidos correram mais. Então, o polícia meteu as rédeas na boca, pôs uma pistola em cada mão e passou com o seu cavalo entre os bandidos. Deu um tiro para cada lado e os dois cavalos caíram mortos. Ele saltou ao chão e amarrou os homens num ins-

tante. Um dêles, o chefe, tinha o documento na algibeira.



ZÉ — E a neta?

BERTA — A pequena ficára para

trás. Veio, depois, ao encontro do polícia. Foi ela quem entregou ao velho o documento roubado.

MICAS — E depois?

BERTA — Depois, a neta casou com o polícia.

ANA — Assim, tão pequenina, podia casar?

BERTA — Não, quando ela cresceu é que casou. A mina tinha muito ouro. Eles ficaram muito ricos e foram muito felizes...

ZÉ — Vou pedir ao meu pai que me leve mais vezes ao cinema... Quero aprender a ser «cow-boy»... «Cow-boy» polícia... A ver se, mais tarde, também venho a ser dono duma mina de ouro...

# O POBREZINHO UMA BALANÇA

Por FELIZ VENTURA

A tarde declinava...  
E no rubro horizonte  
o sol, agonisante,  
aos poucos, lentamente,  
dizia adeus ao dia...

Já passára, cantando,  
mais branca que a farinha,  
a caminho da aldeia,  
a moça moleirinha.

E a Lua, uma senhora  
bastante caprichosa,  
que nunca tem uma hora,  
certa, de aparecer,  
surgia, radiosa,  
de véu alvinhento,  
fazendo com que a noite,  
que já vinha a estender  
seu manto de tristeza,  
tivesse mais beleza.

Nessa noite, serena,  
Jesus, que era menino,  
junto da larga entrada  
da casa onde morava,  
sossegado, brincava.

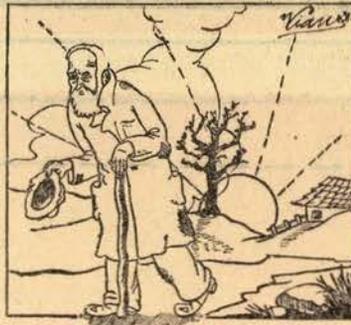
Numa pedra, coberta  
de musgo já velhinho,  
a Virgem Nossa Senhora,  
junto de S. José,  
rezava tão baixinho  
as orações da tarde,  
que, perto, o Deus Menino  
nem sequer a notava.

Uma pomba branquinha  
à volta do beiral  
serena esvoaçava.

Dormia a Natureza  
sono reparador.

Só se ouvia, em redor,  
o murmúrio suave  
das fontes que corriam.

E os montes mais distantes,  
formando densa serra,  
pareciam gigantes  
velando, com cuidado,  
o sono da Mãe Terra.



Mas eis que, pela estrada,  
se aproxima um velhinho  
que vem pedir pousada.

Vem triste, vem cansado,  
seu rosto macerado  
inspira piedade.

A Virgem Nossa Senhora,  
logo, sem mais demora,  
diz, cheia de bondade:

— «Sentai-vos, descansai.  
A casa é pobrezinha,  
pouco vos posso dar.

um bocado de vidro lapidado que as-  
sentava num alfinete de metal branco  
mas que parecia platina.

Foi um sucesso na Corte. Toda a  
gente acreditou que a jóia era verda-  
deira. Não havia que duvidar! Ali es-  
tava o mais lindo diamante que havia  
na cidade...

Os jornais relataram o sucesso. Mas,  
daí a dias, os antigos ricos, dizendo  
que iam fazer uma viagem, partiram  
para uma aldeia longínqua, onde vieram  
a morrer na miséria.

Agora, vou contar-te um caso  
oposto.

Servia, em casa dos meus pais, uma  
criada, muito boa rapariga. A economia  
era a sua principal qualidade. Dos  
seus ordenados, enviava uma lem-  
brança à mãe, que vivia pobremente  
em Vizeu; vestia-se e calçava com  
decência.

Ora, um belo dia, tendo arranjado  
noivo, resolveu, com o seu pé de meia,

comprar o enxoval para o casamento.  
Como o dinheiro ainda sobejasse,  
comprou um par de brincos de bri-  
lhantes.

Então, passou-se uma cena curiosa.  
Toda a gente que encontrava a rapa-  
riga, ao vê-la, mesmo ao domingo,  
modestamente vestida, dizia-lhe:

— «Olha que lindos brincos... Pa-  
recem mesmo verdadeiros. Quanto  
custaram?! Ai uns cinco mil réis...  
Mas, deixa lá, fazem vista.»

E, quando ela dizia que os brincos  
eram de brilhantes, todos riam e nin-  
guém a acreditava.

Já vês tu, Lili, que as aparências  
iludem...

A Lili, que ouviu, interessada, a li-  
ção da mãe, prometeu:

— «Nunca mais farei mau conceito  
das pessoas que eu encontre. Quem  
sabe se Jesus não virá ao mundo, disfar-  
çado em pobrezinho, muito velhinho,  
para avaliar as nossas boas acções?»

## A nossa construção

A nossa construção de hoje, é uma ba-  
lança muito interessante, pois, sendo con-  
struída segundo as regras devidas, pode  
chegar a pesar pequenos volumes com  
mais ou menos precisão. Devem, portanto,  
seguir, com muita atenção, estas instruções.

Mãos à obra...  
Colem em cartão grosso ~~em~~ três peças  
de que se compõe a balança e ~~em~~ nas,  
gulando-vos pelo esquema n.º 1.  
Devem usar uma cola boa, grude, po-  
dendo ser.

Em seguida, e é isto o principal, devem  
fazer, em arame de aço, uma mola, como  
já expliquei, do feitio dos esquemas 2 e 3,  
deixando para o lado de cima um bocado  
de arame para a argola com que se segu-  
ra a balança e para o lado de baixo outro  
bocado em linha recta. (Esquemas 2 e 3).

Reparem que entre a mola e o arame  
em linha recta, devem dobrar um pedaço  
de arame para o ponteiro, que se faz en-  
taldando no arame um bocado dum fós-  
foro.

Depois disto pronto, do arame superior  
ser enfiado no furo da peça 3 e depois da  
argola feita, devem regular a mola de  
forma que, quando em repouso, isto é,  
sem estar a funcionar, fique na mesma alti-  
ra da do modelo e aí marquem 0 gr.

Em seguida, pendurem na balança um  
pêso de 100 gramas e, no sitio onde parar  
o ponteiro, façam um risco e marquem  
100 gr. Dividam este espaço em 10 partes,  
como está no modelo e marquem-lhe 10 g.,  
20 g., 30 g., etc. E com isto fica a balan-  
ça completa.

E agora um exemplo:— A Milu vai ao  
Zeca, merceiro, comprar 30 gramas de  
casca de batatas Mas pelo caminho quá-  
si que teve um ataque de nervos quando  
se lembrou que é a poderia ter roubado.  
Seria possível uma pouca vergonha  
daquelas?

Mas não!  
Quando chegou à sua casinha, verificou  
na balança do «Pim-Pam-Pum» que ainda  
trazia três decigramas a mais, com o que  
ficou contentíssima.

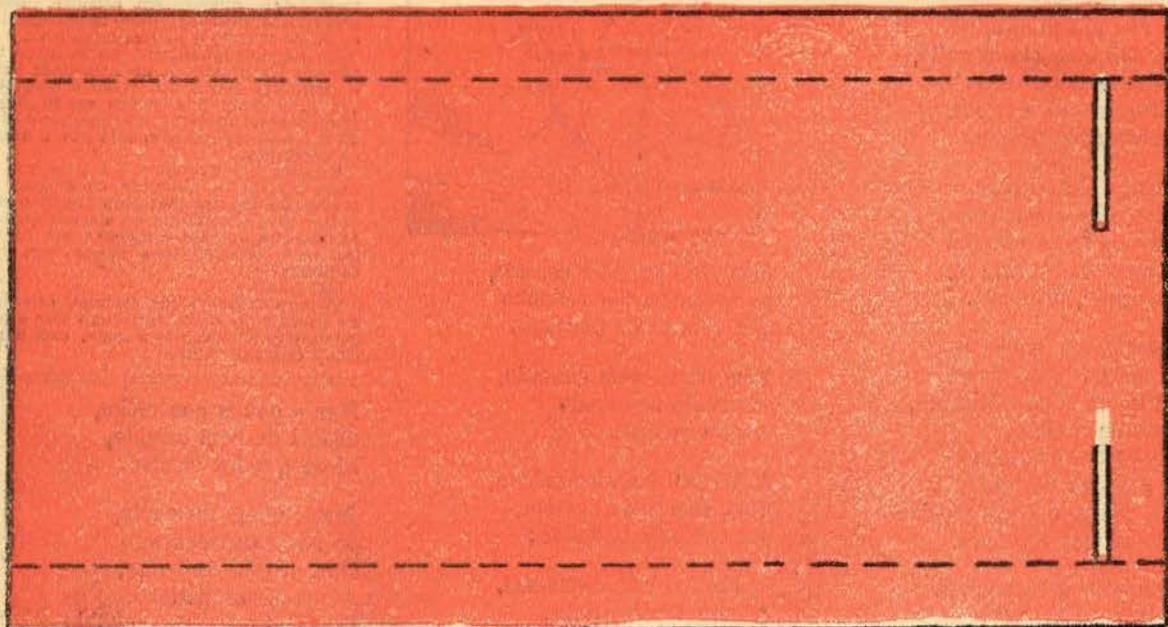
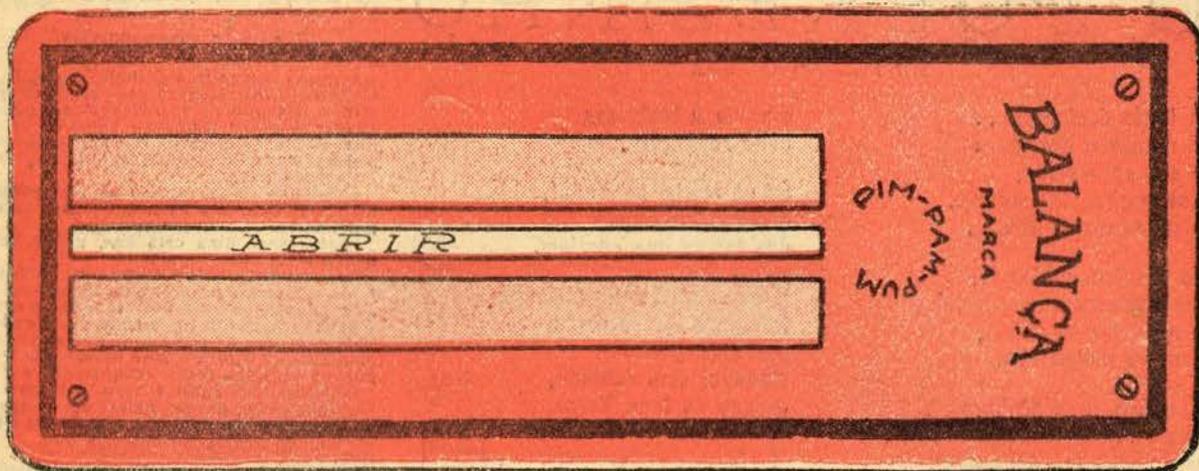
Mas o pouco que tenho,  
depois de bem partido,  
há-de a todos chegar.

Jesus, nesse momento,  
de rosto sorridente,  
chega junto do pobre,  
Afaga-o com carinho.  
E a ceia mais que humilde  
que a Virgem preparára  
teve bem mais valor  
do que a ceia mais cara.

Foi da melhor vontade  
servida com bondade  
ao pobrinho irmãmente.

E éle, acarinhado,  
em breve adormeceu,  
enquanto o Deus Menino,  
na cama ajoelhado,  
dizia em devoção  
a singela oração  
que a Virgem lhe ensinára...

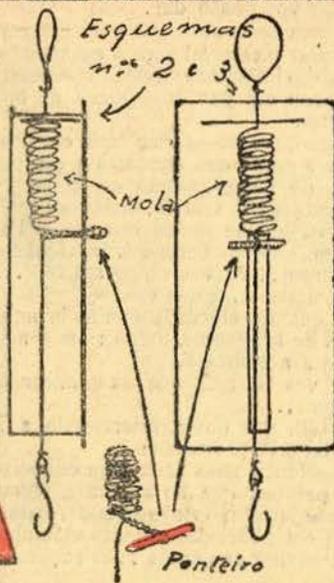
A lua pelo céu,  
andando, lentamente,  
cercava, docemente,  
a casinha modesta  
com seu branquinho véu.



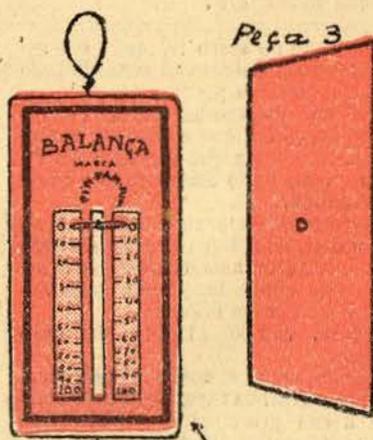
Esquema nº 1



Esquemas nº 2 e 3



Peça 3



Depois de pronto

PARA  
ARMAR.  
uma

**BALANCA**

por TAVARES LINTO